

A Conversão de Leonardo Coimbra

História e Interpretação

Excursão sobre a evolução religiosa de Guerra Junqueiro *

I — O facto. A conversão do filho Leonardo Augusto.

No dia 24 de Dezembro de 1935, véspera de Natal, na capela neo-gótica da Família Pestana, ao cimo da rua do Almada, na cidade do Porto, o Dr. Leonardo José Coimbra, filósofo e literato, professor do Liceu e da Universidade, político e pedagogo social, o maior orador português de então, reintegrava-se na Comunhão Católica, oficial e publicamente.

Embora de forma discreta, recebe das mãos e pelo ministério do «santo» P.º Cruz, os sacramentos da Confissão, do Matrimónio e da Eucaristia.

Era o termo lógico e ousado de um longo itinerário filosófico e espiritual, o regresso à Fé da infância — fora educado, como interno, no colégio católico de N. S.ra do Carmo, em Penafiel, até aos 14 anos —, a conversão total e inequívoca.

O acontecimento não teve qualquer encenação. Foi presenciado por poucos: os familiares, um ou outro amigo, alertado a tempo, e a assembleia habitual da pequena capela, em dia de semana. Uma testemunha, apenas, fez relato público — o Dr. Manuel Portocarrero, companheiro de Emaús, na procura da ciência de Cristo.

Eis como o descreve:

«Já noite velha, retiniu o telefone — «Não falte amanhã na nossa Capela. Há grande surpresa do Leonardo Coimbra».

Cumpriram-se os meus bons presságios. Na manhã seguinte, na Capela do Divino Coração, da família Pestana, naquela fina joia ogi-

* O presente estudo é a reelaboração ampliada de uma série de artigos, publicados em «Voz Portucalense», n.º 33, 29 de Dezembro de 1983, a n.º 3, 19 de Janeiro de 1984.

val, entre o perfume das flores e os acordes do órgão, Leonardo Coimbra, serenamente, ajoelhava perante o altar...

Estava consumada a evolução religiosa do famigerado «filósofo ateu», como o apelidavam com orgulho os antigos correligionários. Não há palavras que exprimam com realismo a emoção profunda de toda a assembleia cristã.

Leonardo Coimbra, esse, então, chorava como uma criança e são dele estas palavras ao findar da cerimónia: «A minha conversão não foi obra de ilusão sentimental, nem de leviandade, oportunismo ou coacção de espírito, mas sim o natural epílogo de uma evolução lenta em que, lucidamente e em plena liberdade de consciência, prestei formal adesão à doutrina do Evangelho e abjurei o meu passado sem Deus».

E, a rematar, com ênfase: «Sinto-me plenamente feliz e, agora, com Deus para sempre»¹.

A celebração litúrgica foi vivida em perfeita união familiar. Participou a esposa, D. Maria Amélia Coimbra, parente de António Nobre, à qual se une em Matrimónio sacramentalmente, e o único filho sobrevivente, Leonardo Augusto Coimbra, que recebe o Baptismo.

Caso invulgar! Pai e filho, em perfeita liberdade espiritual, encontram-se na mesma atitude de conversão a Cristo e adesão à Igreja Católica, e fazem profissão de Fé, no mesmo dia e na mesma celebração ritual. Que se passara?

Há alguns meses, o Leonardo Augusto interrompera o Curso de Medicina, por motivo de doença. Votado obrigatoriamente ao repouso e à solidão, embrenhado na leitura das fontes cristãs, tangido pelo sofrimento, operara-se nele uma grande transformação interior. Já em 1934, encetara «uma interessante evolução religiosa». Não era baptizado. Mas, em caminhada paralela à do pai, sem que este influísse, a não ser indirectamente, sentiu o despertar da Fé e o desejo de ser cristão.

Manifestara-o a seu pai, dois meses antes, em Pascoais, na casa do «poeta do Marão». E, logo, ele atalhou que tencionava chamar o «santo» Dr. Cruz para se confessar e então receberia o Baptismo.

E assim aconteceu.

¹ M. Portocarrero, *Leonardo Coimbra. Sua Conversão e os Retiros espirituais*, n. «A Ordem», Porto, 10 de Outubro de 1970.

Em breve diálogo com o P.^o António Magalhães explica deste modo a sua conversão:

«A minha doença é que me distanciou ou aproximou de meu pai. Obrigou-me a ir para Pascoais e foi aí, nos últimos dois meses que precederam a morte de meu pai, que se deu, na realidade, a minha conversão.(...)»

S. Jerónimo me fez companhia. Li-lhe a biografia e as cartas, li S.to Agostinho e o Novo Testamento. Foram dois meses de quase retiro espiritual.

Quando meu pai aparecia em Amarante, propunha-lhe as minhas dificuldades. Durante este tempo, falei com ele, quase sempre e só, de religião. Uma vez, por exemplo, surgiu-me uma dúvida: se Cristo possuía personalidade, antes da Encarnação; e logo meu pai me respondeu com as palavras do mesmo Cristo no Evangelho: «Antes de Abraão ser, Eu era». Ao deixar a casa de Pascoais, vinha cristão de desejo.

— Comunicou a seu pai esse estado de espírito?

— Comuniquei. Disse-me que ia chamar o santo Doutor Cruz para se confessar, e que, nessa altura, eu receberia o baptismo. Como vê, deu-se pura coincidência nos nossos caminhos para Jesus Cristo.

— Imagino a sua alegria em recebê-lo nesse momento.

— Ainda lembrado das cebolas do Egipto, eu não queria baptizar-me imediatamente. Queria — talvez fosse uma ilusão — preparar-me com demora. Mas chegou o Doutor Cruz. Meu pai falou-lhe da minha indecisão e fui tangido violentamente.

— Suave violência. Julga que seu pai teria de fazer algum sacrifício intelectual nesta altura? — Não. A sua inteligência já há muito, repito, aceitara plenamente a Fé»².

A manifestação do desejo de receber o baptismo, por parte do Leonardo Augusto, teria levado o pai à meta final da conversão, com o intuito de dar exemplo e ajuda ao filho? Veria nela mais um sinal e atrativo da graça?

Tudo leva a crer que sim. Na verdade, dois anos antes, pelo menos, do passo definitivo, Leonardo tinha aderido, intelectualmente, à Fé Cristã. Daí que acompanhasse, com particular esmero e sensibilidade, a evolução religiosa do filho.

Já em 1934, referia ao P.^o António de Magalhães que algo de

² P.^o António Magalhães, S. J., *Do Criacionismo à Fé*, in *Homens que regressam à Igreja*, 2.^a edição, Livraria Cruz, Braga, 1952, pp. 393, 394.

interessante estava a passar-se com o Leonardo Augusto³. Ambos conversavam muito sobre religião. Mas o filho, por enquanto, mantinha uma atitude hostil para com a Igreja católica. O pai, por sua vez, «conservava uma atitude sacerdotal de orientação» e de defesa compreensiva. Nunca, porém, falara ao filho em conversão. Influíra nela, esclarecendo dúvidas e, directamente, pouco mais. Terá contribuído, talvez, com um costume que lhe era muito caro e antigo. Gostava, sobremaneira, de ler em voz alta e, nas tardes de domingo, ainda em Matosinhos (portanto, antes de fixar-se no Porto, em razão da doença do filho), lia com ele, o Novo Testamento, comentando-o.

Por que razão diferira, tanto tempo, a recepção dos Sacramentos?
Responde o Leonardo Augusto:

«Não me pergunte a razão do Mistério da Graça. Só lhe digo que, muito antes, numa noite de Verão, foi comigo, no automóvel de um discípulo, a casa de um sacerdote. Meu pai entrou e nós ficamos no carro. Veio diferente. Calado. Mais tarde me disse alguém que meu pai saíra de casa com a resolução de confessar-se»⁴.

Neste contexto, compreende-se que faltava apenas a oportunidade, a gota de água que faz transbordar o copo e leva à plenitude da decisão. E esta foi, certamente, o desejo do filho, claramente manifesto, de se fazer cristão, recebendo o baptismo. E, quem sabe, talvez a esperança de obter de Deus a saúde do filho, com o sacrifício da «obediência da Fé», da sujeição ao regime de sinais — os sacramentos — e às renúncias consequentes.

De qualquer modo, a conversão do filósofo português ofuscou, no momento e perante a opinião pública, a conversão do Leonardo Augusto.

Mas é justo pô-la em relevo. Não só pela influência mutuamente exercida, e pela importância dos laços pessoais e comunitários que estreitou, mas, sobretudo, porque ele se tornou um digno e fiel depositário da herança espiritual de seu pai.

Logo em 1936, alguns meses depois do trágico acidente que o transformou de companheiro em herdeiro, Leonardo Coimbra, Filho, publica um breve opúsculo em que defende a autenticidade e definitividade da conversão de seu pai, contra aqueles que a consideravam como mais uma tentativa ou uma experiência de um espí-

rito estruturalmente inquieto, porventura, um episódio emocional⁵. E fá-lo com superior inteligência e profunda assimilação das verdades da Fé católica, dando prova, indirectamente, da consciência, clarividência e liberdade da sua própria conversão.

Médico distinto, não se confinou, do ponto de vista intelectual, ao que a sua profissão exigia. Procura viver, em atmosfera ampla de ideias e valores universais, pensando a sua Fé, praticando a Caridade cristã, alargando a sua curiosidade a temas filosóficos e teológicos, ao nível de um homem culto e de exigente racionalidade.

Atento aos problemas humanos e sociais, com sentido de verdadeiro empenhamento cristão, fundou em Janeiro de 1953, a Associação Protectora da Criança contra a Crueldade e o Abandono e, em Janeiro de 1960, o Centro de Observação e Recuperação para crianças deficientes. Aceitou ser deputado à Assembleia Nacional, em 1965 com o intuito primeiro de conseguir apoio para a sua obra social. As suas intervenções no Parlamento foram sempre marcadas por essa preocupação, como o título do volume, em que as recolheu, claramente indica — *Para uma Política social cristã*⁶.

Dois anos antes, tinha publicado *Terra Santa — Evocação dos seus Caminhos*⁷. Não é o relato de uma simples viagem, mas o roteiro de uma peregrinação. Escreveu-o depois de cumprir o derradeiro «projecto» ou propósito que seu pai lhe manifestara, dias antes de morrer, como plano de trabalho subsequente à conversão: «*Só uma coisa me resta e me interessa fazer: escrever um livro sobre Jesus Cristo. Quando estiveres curado, partiremos os dois para a Terra Santa*»⁸.

Nunca esqueceu o dever do apostolado cristão. Além de recolher em sua casa algumas crianças, tendo adoptado a primeira, recém-nascido encontrado na valeta de uma estrada, que juntou aos seus cinco filhos, procurava encaminhar para Deus os amigos de longa data, como pessoalmente posso testemunhar, ou os doentes que se lhe abriam em confiança, como testemunhou uma religiosa com quem muito privara.

⁵ Leonardo Coimbra, Filho, *Leonardo Coimbra. Considerações sobre o livro do Dr. Sant'Ana Dionísio*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1936, 70 pp.

⁶ Leonardo Coimbra, Filho, *Para uma Política social cristã*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1969, 173 pp.

⁷ Leonardo Coimbra, Filho, *Terra Santa. Evocação dos seus Caminhos*, Livraria Tavares Martins, Porto 1967, 366 pp.

⁸ *Idem, Ibidem*, p. 11.

³ *Idem, Ibidem*, p. 392.

⁴ *Idem, Ibidem*, p. 395.

Como seu pai, em plena maturidade, foi arrebatado desta vida, num trágico acidente de aviação, no dia 25 de Julho de 1970, quando se encontrava na Guiné, em missão oficial, com outros deputados. Ainda escreveu o seu relatório-depoimento, como se sentisse a iminência da morte.

Em Março de 1972, o Boletim paroquial de Paranhos — *Pastoral* — publicou dois capítulos do seu livro inédito — *As Fronteiras do Homem*, precedidos de um testemunho do Dr. Angelo César. São dele estes respigos, que dizem tudo a respeito do Leonardo Augusto e da maneira mais autorizada:

«Era crente, sem reticências, sem reservas, sem hesitações.

Nos meus tempos de teólogo-anarquista (melhor seria dizer simplesmente, tolo) argumentava contra a ortodoxia. Ouvia-me sempre atentamente. Tinha pena de mim (só mais tarde mo confessou), mas não o mostrava. Sabia não ser a dialéctica que leva ao bom caminho os transviados. Confiava na Graça. E teve razão.

Ninguém poderia ser mais chefe de família do que o era o Leonardo. E, ao mesmo tempo, irmão da mulher e dos filhos.

Diante das contrariedades parecia fraco, porque era verdadeiramente forte. (...)

Tinha filhos adoptados em Cristo. Amava-os tanto como os seus. Tanto que muita gente os supunha do seu sangue.

Um deles morreu, o Fernandinho. Sepultou-o com lágrimas e flores. Está junto do pai.

Nunca falamos nisso, mas sei que dava graças a Deus, porque a Mulher era como ele.

O Leonardo era cristão ecuménico. Mas antes do Concílio. (...)

Era procurador nato de todos os infelizes que lhe batiam à porta. Esmolas, remédios, roupas, móveis, protecção, diligências, assistência médica, etc., etc. Não eram encargos para ele mas só cargo. De todos, até dos simuladores.

A gente nem pensa que esses, ao fim e ao cabo, são os mais desventurados. Ele sabia-o.

O seu ingresso na Política precisa de ser anotado (...) Chamaram-no. Meditou, mas acorreu com firmeza. Para mais servir o próximo e a Pátria. Quem não entender a sua opção, pouco entende. (...)

A sua alma foi direitinha para Jesus Cristo. Amava-O tanto. Servia-O tanto. E todos nós, Família e Amigos, sentimos que ganhámos imenso. Embora a estatística dos Santos seja desmedida, o Universo fica com mais um.

O Povo sabe-o. A uma pequenita pobre que perguntava: — «... quem era esse Senhor Leonardo?» — a mãe logo respondeu — «era outro Pai Américo».

E era, e foi e é».

II — As interpretações.

Uma conversão religiosa, sendo embora um grande acontecimento do ponto de vista pessoal, pertence essencialmente ao foro íntimo. Em geral, não tem incidências sociais, para além da comunidade em que se realiza.

Neste caso, porém, teve larga repercussão cultural e política, uma vez que envolvia uma personalidade em grande evidência, muito discutida a nível nacional, cuja evolução religiosa era seguida com expectativa, desde há vários anos. Tinha mesmo levantado suspeitas de cedência ideológica, ou até de traição, perante as forças anti-democráticas, então dominantes no país, conotadas com a maioria católica.

Outro acontecimento, inesperado e brutal, lhe deu uma notoriedade única — o trágico acidente de automóvel que, oito dias depois, atirou o filósofo-tribuno para o leito de um hospital e no dia imediato — 2 de Janeiro de 1936, para os braços da morte. Foi a consternação e o assombro! Por misterioso desígnio da Providência, era apostado o selo da eternidade à nova atitude perante a vida, à adesão plena à Fé Católica, que assumira tão consciente e corajosamente.

Controvertido durante a vida, Leonardo Coimbra foi-o igualmente depois da morte. A sua conversão ou regresso à Igreja foi diversamente interpretada e motivo de polémica, desde então, até hoje. Ocasão de escândalo para tantos e tantos dos seus correligionários, ligados à Maçonaria; motivo de admiração e contentamento para muitos mais que a esperavam com ansiedade e a acolheram com alvoroço.

Acto de procura, assim definiu esta conversão «um dos mais inteligentes dos seus antigos alunos», como refere Sant'Anna Dionísio⁹, corroborando-o insistentemente, em discursos e conferências, depois recolhidos em livro, ainda em 1936¹⁰.

⁹ Sant'Anna Dionísio, *Leonardo Coimbra. Contribuição para o conhecimento da sua personalidade e seus problemas*. Edição do Autor, Porto, 1936, p. 13.

¹⁰ *Idem, Ibidem*, pp. 14 e 15, n.º 1.

O mesmo autor, afirmou claramente não pôr em dúvida a sinceridade da conversão, mas a «estabilidade da pacificação», que, com ela, o filósofo-tribuno procurou obter¹¹.

Igual pensamento manifesta Francisco Fernandes Lopes, em testemunho repassado de admiração:

«Leonardo Coimbra era, sem dúvida, uma personalidade superior, intelectualmente, artisticamente, moralmente. (...) A sua evolução religiosa, cifrada pela sua conversão oficial ao catolicismo, não me surpreendera, antevendo-a como termo lógico-natural: — momentâneo, todavia, porque, se tem vivido, julgo bem que a sua inquietação — por demais, sob o signo de Soloviev, Merejkowski e outros cristãos do reino final do Espírito Santo — acabaria por levá-lo para aquela espécie de extrema-esquerda do catolicismo, na qual, sob o invólucro dogmático supérfluo, vive a pura essência soberana, em que comungam, afinal, os homens, verdadeiramente supra-homens, de todas as religiões, raças, países e climas»¹².

Acto de sujeição e dramática desistência, lhe chama também Sant'Ana Dionísio, em escrito recente, reportando-se a essa tentativa de análise, há pouco referida:

«Quem poderia deixar de se interessar por esse acto de sujeição, realizado por um dos homens públicos mais vinculados à evangelização livre da liberdade em Portugal?» (...)

«Como entender, pois, aquela dramática desistência do tribuno na antevéspera do golpe do destino que o arrebataria para o insondável mistério da morte?»

«E esse era, digamos assim, o problema instantâneo que nessa ocasião, abordámos e cuja solução, boa ou má, tivemos a franqueza de expor»¹³.

Outros terão ido mais longe, como aquele amigo do Prof. Sarmento de Beires, que, apesar de ser um homem culto, lhe confiava que «a conversão de Leonardo Coimbra fora o acto mais lamentável da sua vida»¹⁴.

E no mesmo tom se lhe refere A. H. de Oliveira Marques, no Dicionário Biográfico Universal de Autores, classificando o seu último livro, o primeiro como pensador plenamente cristão, como «obra lamentável sob todos os pontos de vista» e acrescentando: «Uma doença grave do filho leva-o ao passo final: pela mão do P.º Cruz converte-se ao catolicismo no Natal de 1935»¹⁵.

Acto de encontro, contesta Leonardo Coimbra, Filho, em contraponto directo, à interpretação de Sant'Anna Dionísio. Escalpelizando-a nas suas principais afirmações, escreve em opúsculo publicado ainda em 1936:

«Em lugar de se definir a sua conversão como um «acto de procura», dever-se-á definir como acto de encontro, visto que todos os «actos de procura», numa actividade religiosa se desenrolam tendendo para o acto final de encontro, possível para todos, segundo a promessa do Evangelho: «Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á. Porque todo o que pede, recebe, e o que busca, acha; e ao que bate, abrir-se-á. (S. Mateus VII, 7,8)»¹⁶.

Acto de libertação e de plenitude pessoal, prova de coragem e de insofismável coerência, confirmam outros, nestes ou em termos equivalentes, como o Professor de Matemática da Universidade do Porto, Sarmento de Beires, o P.º António Magalhães, S. J. e o Dr. Amândio César.

O primeiro escreveu, respondendo em «carta-testemunho» aos organizadores do livro em que foram recolhidos os testemunhos dos seus contemporâneos:

«Não duvidem V. Ex.as do definitivo da sua conversão». E para os convencer refere uma curta conversa com o P.º Cruz sobre o tema e dois contactos pessoais.

Um, aquando da conferência que o filósofo-orador profetiu na Associação dos Estudantes Católicos do Porto, sobre a Apologética de Pascal: «Recordo-me que me impressionou muito, de tal modo me convenceu de que Leonardo Coimbra estava a dois passos da sua conversão. (...) Ainda nessa altura tinha frases cujo sentido eu não com-

¹¹ *Idem*, *Ibidem*, p. 12.

¹² Francisco Fernandes Lopes, *Encontro*, in *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1950, p. 224.

¹³ Sant'Anna Dionísio, *Introdução*, in *Obras de Leonardo Coimbra*, vol. I, Lello & Irmão Editores, Porto, 1983, pp. VI-VII.

¹⁴ R. Sarmento de Beires, *Carta-testemunho*, in *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1950, p. 196.

¹⁵ A. H. de O. M., *Coimbra, Leonardo José*, in «Dicionário Biográfico Universal de Autores», Artis-Bompiani, 1966, p. 762.

¹⁶ Leonardo Coimbra, Filho, *Leonardo Coimbra. Considerações sobre o livro do Dr. Sant'Anna Dionísio*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1936, p. 20.

preendia bem; todavia, era já muito singelo no que dizia e, por isso mesmo, muito mais claro».

O segundo, verificou-se depois de ambos terem ouvido ao padre Leseur a narrativa, verdadeiramente encantadora, da sua conversão: «Ao notar o meu espanto por o ver assistir àquela Conferência, acabou por me dizer, com os olhos cheios de bondade e muito fixos nos meus, estas palavras que ainda hoje me parece estar a ouvir: «estas coisas também me interessam». Quase podia afirmar que os seus olhos estavam humedecidos; e não minto se lhe disser que os meus o estavam também»¹⁷.

Por sua vez, o P.^e António Magalhães publicou vários estudos sobre a conversão de Leonardo e alude a ela ainda noutros. Naquele que vem inserto entre os «Testemunhos dos seus Contemporâneos», sob o título — *Do Criacionismo à Fé*, pode ler-se:

«Tenho seguros motivos para afirmar que, já em 1924, Leonardo Coimbra era católico de pensamento. (...) A fidelidade à Graça de Deus, que recebeu, poucos dias antes da morte, era a garantia do aperfeiçoamento de Leonardo Coimbra como homem e como escritor, mas só por milagre o transmutaria imediatamente. (...)

«Esta fidalidade à graça, podíamos-la esperar do homem que tão fiel se mostrou na aceitação da verdade, — correspondência generosa à mesma graça de Deus — que mais fiel e plenamente viveu da sua fé, ao ajoelhar-se contrito perante um sacerdote, quando este acto de amor a Deus implicava a humilhação de confessar a sua miséria a outro homem e a humilhação de si próprio diante dos outros homens»¹⁸.

Finalmente, o Dr. Amândio César, em opúsculo de 1976, sublinhando a longa evolução espiritual do filósofo criacionista, afirma:

«Portanto, a sua conversão religiosa surge-nos através de um longo caminho de eliminatórias, até à convergência de experiências e de aproximações culturais que lhe determinarão a decisão final, essa que ocorreu poucos dias antes da sua morte. (...)

«Seguindo a trajectória do pensamento de Leonardo Coimbra, vê-se que a atitude espiritual, em que a morte o vem encontrar, não

é tomada por acaso ou por súbita decisão, tão súbita quanto imprevista. Voluntariamente, através de uma longa gestação, Leonardo Coimbra abraçou in totum a Igreja católica. A morte veio selar a sua entrega plena e definitiva a essa Igreja a que regressava, mas, como afirma seu filho, ele «continuará a missão doutrinária que estava realizando»¹⁹.

A conspiração do silêncio

A conversão de Leonardo Coimbra não foi apenas diversamente interpretada. Motivou a queda do véu do esquecimento sobre a sua memória e a sua obra.

Escreveu o filho: «Vejo na sua conversão e na sua morte, a Mão de Deus a preparar-lhe a maneira melhor de entrar na eternidade. Poupou-o à conspiração do silêncio e do desinteresse»²⁰.

Sim. Leonardo falecera, abandonado por muitos dos seus correigionários do livre pensamento e do radicalismo republicano; invectivado pelos marxistas que defrontara com grande lucidez e coragem, nas últimas conferências e no último livro; suspeitado por muitos católicos, ainda reticentes e expectantes, talvez e indevidamente, quanto a um novo posicionamento político-social.

A Igreja acolheu-o de braços abertos e muito esperava, como alguns dos Amigos mais íntimos, da sua inteligência e da sua generosidade, em doutrinação e exemplo.

Deve dizer-se, entretanto, que a conspiração do silêncio e do desinteresse não vingou totalmente. Para além de um grupo devotado de antigos alunos, que dele receberam a lição do primado da filosofia, algumas instituições e pessoas ligadas à Igreja católica dedicaram-se ao estudo da sua personalidade e à análise da sua obra. Lembremos as iniciativas da Faculdade de Filosofia de Braga, os estudos críticos do P.^e António de Magalhães e as três teses de doutoramento, em três faculdades diferentes, de institutos universitários eclesiásticos da cidade de Roma.²¹

¹⁹ Amândio César, *Leonardo Coimbra. Acto de Encontro*, Editorial Resistência, Lisboa, 1976, pp. 10 e 16.

²⁰ Severin Lamping, O. F. M., *Homens que regressam à Igreja*, trad. de A. Morais, 2.^a edição, Livraria Cruz, Braga, 1952, p. 395.

²¹ Manuel Barbosa da Costa Freitas, O. F. M., *O Pensamento Criacionista de Leonardo Coimbra*, Editorial Franciscana Bracarense, 1957 — Faculdade de Filosofia da Pontifícia Ateneu Antoniano; Ângelo Alves, *O Sistema filosófico de Leonardo Coimbra. Idealismo criacionista*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1962 — Faculdade de Filo-

¹⁷ M. Sarmiento de Beires, *Carta-Testemunho*, in *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1950, pp. 195-196.

¹⁸ António de Magalhães, S. J., *Do Criacionismo à Fé*, in *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1950, pp. 216-217.

A hora da justiça

As comemorações do centenário do nascimento do filósofo português, no ano transacto, quebraram finalmente as barreiras que lhe impediam o acesso à Universidade portuguesa. Esta debruçou-se sobre a sua extensa obra e a crítica nacional dedicou-lhe o tempo e o espaço devidos.

Salientemos o ciclo de conferências promovido pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em colaboração com a Fundação Eng. António de Almeida, que vão ser publicadas em breve, onde participaram vários professores universitários de todas as Faculdades de Filosofia do país; o número especial da Revista Portuguesa de Filosofia; e os artigos de todos os jornais, diários e semanários, bem como de revistas especializadas.

Verdadeiramente chegou a hora da justiça para quem foi um dos mais eloquentes e originais pensadores portugueses, epistemólogo e metafísico, poeta e orador, político e professor, Mestre inconfundível da chamada «escola portuguesa», figura proeminente da intelectualidade portuguesa contemporânea.

Este breve estudo, de índole principalmente factual e descritiva, pretende ser mais uma achega para a compreensão total da sua vida e da sua obra, focando um dos aspectos menos considerados na hora presente.

III Itinerário filosófico e espiritual.

Anotámos as interpretações contrastantes de que foi objecto a conversão de Leonardo Coimbra. E também a cortina de silêncio que se fez cair até há pouco, sobre a sua personalidade e a sua obra.

Será possível uma abordagem crítica conciliatória e objectiva?

É o que vamos tentar, com a simplicidade e serenidade possíveis.

Três chaves de solução se nos impõem, que passo a exprimir em outras três perguntas: que é uma conversão à Fé católica; quem foi Leonardo Coimbra; qual a sua trajectória intelectual e religiosa.

sofia da Pontifícia Universidade Gregoriana; Miguel Spinelli, *A Filosofia de Leonardo Coimbra. O homem e a vida. Dois termos da sua Antropologia filosófica*, Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga 1981 — Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade de S.to Tomás (Angelicum).

Que é uma conversão à Fé Católica?

Uma conversão religiosa é mais que uma conversão moral — mais profunda e englobante. Para além de uma mudança prática de valores e, portanto, de comportamento, dentro de um mesmo sistema teórico, que não foi posto em causa — conversão moral —, a conversão religiosa implica uma mudança de horizonte ou sistema de referências, uma nova doutrina ou visão da existência, do homem e do universo, portanto, uma mudança de mentalidade.

A conversão à Fé católica, para além de tudo isso, supõe a crença explícita no Deus de Jesus Cristo, revelado na Igreja; e, exteriormente, a integração no corpo eclesial, pela iniciação no regime de sinais — os Sacramentos, e pela participação activa na vida comunitária.

Leonardo Coimbra satisfaz todas estas exigências. Houve nele, porém, um escalonamento ou hiato de mais de dez anos entre a adesão interior, de pensamento e coração, e a adesão exterior, pública e formal. Foi necessário romper com fortes ligações ideológicas e afectivas, ou libertar-se de pressões de grupos sócio-culturais, a que esteve intimamente vinculado.

A participação activa na vida comunitária, para além de alguns prenúncios e antecipações aurorais, não passou de um propósito e promissora esperança. Na verdade, oito dias apenas mediaram entre a conversão total e o termo da sua vida. Entretanto, como confessou a seu filho, iria continuar a obra de doutrinação que vinha fazendo²².

Mas, para sabermos como chegou até aqui, e aquilatarmos do seu estado de espírito, temos de conhecer, antes de mais, a sua personalidade.

Quem foi Leonardo Coimbra?

Como sentenciam alguns Paul Ricoeur, o homem define-se por aquilo que faz. Por isso, mais do que à pompa e circunstância do que lhe acontece, a uns tantos dados biográficos, temos de atender à sua obra e actividade.

²² Cf., Leonardo Coimbra, Filho, *Leonardo Coimbra. Considerações sobre o livro do Dr. Sant'Anna Dionísio*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1936, p. 40. E Entrevista ao P.º António de Magalhães, S. J., in *Homens que regressam à Igreja*, 2.ª edição, Livraria Cruz, Braga, 1952, p. 395.

Ora, a este respeito, vemos repetir, com alguma frequência e incriticamente, o dito de Teixeira de Pascoais no primeiro dos *Testemunhos dos seus Contemporâneos*:

«Leonardo Coimbra, é uma trindade: o orador, o professor, o filósofo. Qual das três pessoas a verdadeira? A pergunta deve ser feita nestes termos: qual das três pessoas a mais verdadeira, pois todas elas são verdadeiras. Para mim é a do orador (...)».

Prescindindo do decalque da simbologia cristã, tão frequente, em uso e abuso, no poeta do Marão, esta definição tem o defeito de ser simplista, redutora e confessadamente subjectiva.

Quem intenta diminuir a personalidade do filósofo portuense, serve-se dela, já pela aparente autoridade de quem a subscreve, já pela atracção de um esquematismo fácil. Foge, além do mais, a investigação mais aturada, nas fontes primárias da sua obra ou nas águas correntes de intérpretes mais avalizados.

Se lessem, ao menos, em justa hermenêutica, o que está imediatamente a seguir, no texto citado, veriam que afinal a definição de Pascoais é uma questão de gosto. Na verdade, acrescenta logo:

«Que eu tenho de confessar a minha pouca simpatia pelos filósofos profissionais, por todos os críticos, ou da razão pura, à Kant, ou da intuição impura, à Bergson»²³.

E, advertimos imediatamente, neste caso, é questão de mau gosto, pois falseia a objectividade.

Leonardo Coimbra tem uma personalidade muito mais rica e plurifacetada. O que é substancialmente verdadeiro, a seu propósito, é que ele foi, matricial ou radicalmente, filósofo e artista. Mas, acima de tudo, na sua vida, como na sua obra, um genuíno filósofo.

A intencionalidade metafísica e moral está presente em todos os seus escritos, como subjaz em toda a sua acção pedagógica, social e política. Os interesses que o movem, são, desde o começo, «interesses especulativos universais». As suas preocupações ideais mais instantes são de ordem transcendente e religiosa. Vive em constante indagação, procurando desvendar o Mistério latente no homem, na natureza e na vida. E serve-se de todos os meios ao seu alcance — da ciência e da arte, da moral, da filosofia e da religião, até, por vezes, da metapsíquica e suas experiências.

A vertente filosófica da sua personalidade predominou sobre a

vertente artística, porque, quando foi literato, fazendo poesia em prosa, criou literatura metafísica; quando foi orador, assombrando os ouvintes com a eloquência do seu verbo, comunicava altos pensamentos, sempre ao nível da universalidade e das mais fundas razões, sem medo de não ser compreendido; quando ensinava na aula do Liceu, na cátedra da Universidade ou colouquiava à mesa do café, tinha o condão de despertar a inteligência dos alunos ou a atenção dos amigos, para «os grandes problemas» e a muitos induziu na arte de filosofar. Pequenos episódios da vida quotidiana ou cultural, da vida política ou familiar, sabia transformá-los em motivo de profundas elucubrações, a que poucos tinham acesso.

Convivente e extroverso, mostrava-se irónico e mordaz com os presumidos, acessível e condescendente com os simples. Por isso, foi admirado e vilipendiado, indómito e temido. Mas sempre predominaram nele o amor à verdade e aos mais altos valores morais e religiosos, bem como a generosidade de coração.

Leonardo Coimbra foi, pois, filósofo e artista, contemporaneamente e sistematicamente. Filósofo, para quem a intuição estética era já, e por si mesma, intuição metafísica ou via de acesso à transcendência. Artista da palavra escrita, e, por isso, literato; artista da palavra dita, e, por isso, orador. Mas não só. Foi ainda professor, político, jornalista, crítico literário e pedagogo social; e sempre um espírito superior, também moralmente, apesar dos defeitos e limitações inevitáveis.

Reportando-se à sua multimoda actividade, sem cuidar do pendor mais profundo, Miguel Spinelli escreveu:

«Leonardo Coimbra foi, eminentemente, uma alma artística, capaz de penetrar e aprofundar diversos sectores ou géneros de conhecimento humano. (...) Exceptuando as suas actividades como professor e como homem político, Leonardo Coimbra dedicou-se fundamentalmente à ciência, à filosofia e à literatura. Na ciência cultivou a matemática, a física e a geometria; na filosofia cultivou problemas de filosofia científica, de filosofia do conhecimento, de filosofia social e da educação, e a metafísica; na literatura cultivou o artigo jornalístico, o ensino, o relato breve e a poesia. Impôs-se também como brilhante e eloquente orador ao seu tempo: muitos dos seus contemporâneos denominavam-no «orador-filósofo»²⁴.

²⁴ Miguel Spinelli, *A Filosofia de Leonardo Coimbra. O Homem e a Vida. Dois Termos da sua Antropologia filosófica*, Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga, 1981, p. 189.

²³ Teixeira de Pascoais, *Lembrança*, in *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1950, p. 17.

Personalidade assim, vincadamente intelectual, vocacionada para a comunicação das ideias, com sentido de missão na área pedagógica e político-social e assumindo-a denodadamente, inconformista por tendência visceral, de espírito livre e independente, mas aberto aos valores mais altos, com rara sensibilidade artística e fortes exigências éticas, não podia ficar indiferente ao facto e à vivência do Cristianismo. Mas, se viesse a converter-se, teria de passar por um longo caminho de transformação interior, em que visse satisfeitos todos os requisitos de racionalidade e experiência emocional, e assumisse, conscientemente, todas as consequências sociais e políticas daí advenientes.

Foi o que aconteceu e passamos a examinar, percorrendo, embora rapidamente, a trajectória intelectual e religiosa do filósofo-poeta, até à conversão ao Catolicismo.

Do livre-pensamento à fé cristã e católica

Leonardo Coimbra foi conformado, desde a juventude, pela escola do livre-pensamento. Escasseiam, neste ponto, as referências biográficas. Mas basta termos conhecimento de que ingressou na Universidade de Coimbra, aos quinze anos, antes da idade legal, onde se deixou dominar pela paixão da cultura física. E transitou para a Escola Naval, aos dezanove anos, onde manteve íntima amizade com seu condiscípulo Mendes Cabeçadas, depois almirante, e António Sérgio, que viria a tornar-se um dos seus grandes detractores.

Abandonada a carreira da marinha, regressa ao Porto, matriculando-se na Escola Politécnica, para cursar matemática.

Aí emparceirou com Jaime Cortesão, Augusto Martins, Augusto Casimiro e outros, então votados à propaganda republicana e libertária. É com este núcleo que funda, em 1907, a revista *Nova Silva*, encimada pelo «ex libris», bem significativo do seu ideário — *Libertas*.

O seu primeiro artigo doutrinário, aparecido no primeiro número da revista, em forma de editorial, intitula-se precisamente «*O homem livre e o homem legal*»²⁵. Aí revela já, de maneira inconfundível e fundamentada, a sua mentalidade liberal e humanista, à qual haveria de se manter fiel em toda a sua vida.

²⁵ Leonardo Coimbra, *O homem livre e o homem legal*, in «*Nova Silva*», Porto, n.º 1 (1907) 1-2.

No entanto, é desde então um anticlerical e um republicano diferente. Contrariamente ao positivismo dominante no meio em que se movia, manifesta-se possuidor e arauto de um espiritualismo de feição moral e religiosa. É, antes de mais e em atitude acentuadamente polémica, antimaterialista e antipositivista.

Nem sequer a ideologia do livre-pensamento o dominava inteiramente. Mostra uma autonomia e originalidade de ideias, que causa espanto e, quiçá, algum embaraço. Muitas vezes aplaudido, mas nem sempre compreendido, atrevia-se, já, a ir contra a corrente dos «slogans» feitos e da demagogia fácil.

Assim, no artigo *O padre liberal*, publicado no semanário de doutrinação anarquista *A Vida*, começa por defender que a expressão em título, é um absurdo, pois os termos repelem-se: «*Se se é padre, não se é livre, se se é livre, não se é padre*»²⁶.

Entretanto, e quase num rebate de consciência, logo acrescenta:

«*Mas o padre que, atravessando serranias e descampados, vai ao lar frio e sem pão levar o pão e o afecto, a palavra de amor e o gesto de esperança?*

«*O padre que, por entre o ódio dos homens, passa erguendo a Cruz do perdão...? O padre confidente e amigo da família, feiticeiro do coração humano? (...)*

«*Pode o padre ser isto?»*

«*Podia tê-lo sido e, por excepção foi-o.*»

E continua explicando que tal era possível, quando a razão humana ainda se não tinha incompatibilizado com o dogma, nem o dogma tinha declarado guerra ao pensamento. Mas, agora que se verifica a morte do Deus das religiões e o advento do verdadeiro Deus, integração do indivíduo no Universo, como pode o padre ser livre?

Também num comício anti-jesuítico, organizado pela Associação do Livre-Pensamento, na cidade do Porto, em Agosto do mesmo ano de 1909, começa por afirmar a sua independência ideológica em relação aos oradores que o precederam. Vem trazer a sua verdade. E acrescenta:

«*Não venho mostrar-vos as calamidades gigantescas da Inquisição: os encarceramentos, as torturas, os assassinios... Venho, antes, falar do espírito de hipocrisia e embuste, de insinuação escorregadia e*

²⁶ Leonardo Coimbra, *O padre liberal*, in «*A Vida*», Porto, V, n.º 3 (1909) 1.

*vil, de comedido uso e abuso de todos os vícios verbalmente mascarados de virtudes convencionais — o jesuitismo»*²⁷.

Distingue, a seguir, o jesuitismo concretizado numa seita política, procurando o poder para regalo próprio, do jesuitismo que há no sangue de todos nós, herdado e cuidadosamente cultivado por uma educação imbecilizante e perversa. E passa a fazer uma análise cáustica da nossa educação na família, nas escolas e no meio social, escalpelizando os vícios de que enfermava.

Para concluir, depois de confessar que acredita na existência de algum padre sublime, albergando uma verdadeira crença no seu Deus e na sua religião, afirma:

O sentimento religioso não desaparecerá jamais, antes esclarecido e crítico, será a última das hipóteses aclaradoras da vida e da beleza, o motivo sintético da acção e da luta».²⁸

Depois deste discurso e significativamente, desaparece a sua colaboração no referido semanário.

A partir de 1911, aparecem os primeiros indícios da estruturação do seu pensamento filosófico. No ano seguinte, apresenta-o em livro — *O Criacionismo. Esboço de um sistema filosófico* — como filosofia da liberdade e metafísica moral e religiosa. É simultaneamente um humanismo idealista e um método construtivo-dialéctico e pedagógico. «*Chega às últimas e supremas ideias, mas por um esforço progressivo; ergue-se ao céu, mas sem deixar o contacto com a terra; chega a Deus, mas sem abandonar o mundo e o homem»*.²⁹

Estas frases, tiradas uma do primeiro livro e outras do último, balizam o percurso da sua antropologia:

*«O homem não é uma inutilidade num mundo feito, mas o obreiro dum mundo a fazer»*³⁰.

«O homem parece um ser dado em natureza, para que se reencontre e possua em consciência e liberdade».

*«O homem foi criado em natureza para se fazer em liberdade»*³¹.

As intuições fundamentais do sistema criacionista, nos planos gnoseológico e metafísico, persistem em todas as obras, até à assimi-

lação da metafísica cristã e da teologia católica. Esta acontece gradualmente, a partir de 1923, muito antes, portanto, da sua conversão total. E não se trata de «dissolução mística»³², nem «transmutação» implicitamente de sentido regressivo³³, mas antes, de autêntica superação das insuficiências do *idealismo criacionista* e das antinomias nele latentes.

É impossível demonstrar aqui, passo a passo, este percurso intelectual, nem parece indispensável, para o intuito que nos move.

Interroguem-nos agora e de preferência, sobre os acontecimentos, contactos e vivências que acompanharam esta trajectória de pensamento. Pois, de certo modo, a explicam, levando o filósofo-tribuno ao aprofundamento do seu *Criacionismo* e à descoberta das suas limitações, impeditivas de uma integração completa e perfeita do mistério do Homem e da Vida.

A evolução espiritual

A evolução espiritual de Leonardo acompanhando ou provocando a transmutação do pensamento, está pontuada por quatro grandes acontecimentos, dois de índole mais particular e os outros dois de ordem social.

Primeiro, foi a morte do seu filho primogénito, em 1912, pouco depois de escrever a sua síntese filosófica. Pôs à prova a euforia e complacência consigo mesmo, com que a terminara, e as conclusões optimistas sobre o destino do Universo e das almas, a que tinha chegado. É assinalada na dedicatória do primeiro livro — *O Criacionismo* e constitui o tema do segundo — *A Morte* (1913). Volta a ser referida em *A Alegria, a Dor e a Graça* (1916); continua a ser motivo de profunda inquietação em *A Luta pela Imortalidade* (1918), levando, até, às experiências metapsíquicas aí relatadas. Ainda é lembrada em *Guerra Junqueiro* (1923), apesar de lhe ter nascido um segundo filho, que nessa altura era criança.

Em segundo lugar, vem a crise de civilização, de ideias e instituições que significa a Grande Guerra de 1914-1918. Defende a participação de Portugal, ao lado da França, a qual simboliza a demo-

²⁷ Idem, *Comício anti-jesuíta* (relato não assinado com excertos do discurso), in «A Vida», Porto, I, n.º 35 (1909) 3.

²⁸ Idem. *Ibidem*.

²⁹ Idem, *O Criacionismo*, Biblioteca da Renascença Portuguesa, Porto, 1912, p. 5.

³⁰ Idem. *Ibidem*.

³¹ Idem, *A Rússia de hoje e o Homem de sempre*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1935, pp. 8, 28.

³² Amorim de Carvalho, *A dissolução mística do sistema filosófico de Leonardo Coimbra*, in «Prometeu», Porto, I, n.º 3-4 (1947) 169.

³³ José Marinho, *O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra*, Livraria Figueirinhas, Porto, 1945, p. 67.

cracia e a liberdade e filia-se no Partido Republicano Português³⁴. Por este partido será eleito deputado e ministro da Instrução duas vezes (1919 e 1922), em curtos períodos.

Em terceiro lugar está a evolução religiosa de Guerra Junqueiro, que nos últimos anos da sua vida sofre uma inversão profunda de ideias e sentimentos e chega às portas do Catolicismo. Leonardo acompanha na intimidade e vive compreensivamente, em atenta reflexão, este drama espiritual e move-se no mesmo sentido³⁵.

A morte de Junqueiro seguiu-se, de perto, à grande desilusão política que constituiu para ele a chamada «questão religiosa» (foi impedido pelo Parlamento de restabelecer a liberdade de ensino religioso, nas escolas particulares) que se transformou em «questão Leonardo Coimbra»³⁶.

Incompatibilizado com os seus próprios correligionários, abandonou o Ministério da Instrução e a vida política partidária.

Finalmente, como última gota num copo de água, surge a conversão religiosa do seu segundo filho, que, em 1935, ainda convalescente de uma doença não muito grave, mas prolongada, lhe manifesta o desejo de receber o Baptismo. Acompanhara-o na sua evolução, sollicitamente e sem o influenciar, ele próprio já interiormente convertido.

Na impossibilidade de seguir o rasto destes acontecimentos, em pormenor, e determinar o seu influxo na evolução espiritual e religiosa de Leonardo Coimbra, vou deter-me no terceiro. Pois que, além de não ter sido, até aqui, mencionado, pelo menos numa linha de causalidade, marca o início da sua viragem intelectual e decidida abertura à Fé da Igreja católica.

IV — Leonardo Coimbra e a conversão religiosa de Guerra Junqueiro.

O primeiro encontro entre o filósofo português e o poeta de *Os Simples* deu-se em 1909, na Academia Politécnica do Porto. Junqueiro procurou o jovem republicano e nável escritor, para o

³⁴ Leonardo Coimbra, *O Sentido da Guerra*, in «A Águia», IX, n.º 51, 52, 53 (1916) 143-152; Idem, *Le génie de la France et son rôle*, ibidem, 170-174.

³⁵ Idem, *Guerra Junqueiro*, Edição de «A Renascença Portuguesa», Porto, 1923, pp. 16-17, 42, 154.

³⁶ João Paulo Freire (Mário), *A Questão Leonardo Coimbra*, Livraria Civilização, Porto, 1927, 48 pp.; (Entrevistas publicadas em 1923, nos jornais «Diário de Notícias» e «A Pátria», precedidas de uma apresentação).

conhecer e felicitar por um artigo que publicara pouco antes. Passaram a rever-se com frequência, mantendo longas conversas, repassadas de mútua compreensão e troca de conhecimentos³⁷. Influenciam-se nas leituras. Leonardo indica obras científicas e filosóficas então na mira do poeta. Este entusiasma-o por Jean Jaures. Leonardo faz um discurso, na casa do poeta, por ocasião de uma homenagem pública, em 1911, e cita-o nas suas obras, nomeadamente em *O Criacionismo*³⁸ e em *A Alegria, a Dor e a Graça*.

Junqueiro, nos últimos anos da vida e durante a sua longa doença, pediu ao filósofo, que, logo a saúde o permitisse, lhe desse uma ou duas horas por dia, para o auxiliar na ordenação dos manuscritos da obra *A Unidade do Ser*, a qual nunca chegou a ser publicada³⁹.

Assim, neste período, aprofundam-se as comuns preocupações filosófico-religiosas e estreitam-se os laços de amizade. A prova está nos artigos que o pensador publicou imediatamente a seguir à morte do poeta, em Julho de 1923. Reunidos em volume, pouco depois, constituem uma das críticas mais lúcidas e penetrantes da obra de Junqueiro, feitas até aí, e sobretudo do seu pensamento filosófico, poucas vezes considerado.

Simultaneamente contém um testemunho precioso e insuspeito do drama religioso e existencial do Homem Junqueiro, nos últimos anos da sua vida.

Manteve-se, ao longo do tempo e até hoje, a disputa acerca da conversão ao Catolicismo do poeta iconoclasta e blasfemo, a ponto de ter sido versada ainda em 1980 e 1982⁴⁰.

Estranhamente, ou talvez não, vemos que não têm sido valorizados o testemunho e a crítica de Leonardo.

Apenas o P.º Moreira das Neves os refere, em três citações, e uma referência, nas obras em que se debruça sobre o poeta⁴¹.

³⁷ Cf. Sant'Anna Dionísio, *Bibliografia*, in *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1950, p. 414.

³⁸ Idem, *O Criacionismo*, Biblioteca da Renascença Portuguesa, Porto, 1912, p. 248. Cf. Idem, *Guerra Junqueiro*, Edição de «A Renascença Portuguesa», Porto, 1923, p. 22.

³⁹ Leonardo Coimbra, *Guerra Junqueiro*, Edição de «A Renascença Portuguesa», Porto, 1923, p. 63.

⁴⁰ Noberto Lopes, *A posição espiritual de Junqueiro*, in «Diário de Notícias», 2.º Caderno-Cultura, 14, 21, 28 de Fevereiro e 6 de Março de 1980; Joaquim Bastos, *Guerra Junqueiro, crente ou católico?*, in «O Primeiro de Janeiro», de 10 de Fevereiro de 1982.

⁴¹ P.º Moreira das Neves, *Guerra Junqueiro. O Homem e a Morte*, Domingos

Além de dedicar sete páginas da Introdução, em *O Grupo dos Cinco* ao drama espiritual do pensador, descrevendo-o e interpretando-o, psicológica e ideologicamente, e pondo-o em relação com as figuras aí estudadas: «*O drama espiritual de Leonardo Coimbra começou onde tinham acabado os enganos da geração romântica de que o Grupo dos Cinco foi expoente e símbolo*»⁴².

Lopes d'Oliveira, biógrafo do poeta, não o assinala, em 1955 pelo menos, no concernente à discutida conversão⁴³.

Nem Noberto Lopes, na série de artigos já referida e publicada no *Diário de Notícias* de 14 de Fevereiro a 6 de Março de 1980.

Ora Leonardo Coimbra é muito claro em afirmar a conversão do poeta amigo à Fé cristã e em assinalar, em toda a obra, a ascensão do seu pensamento que, partindo do misticismo naturalista, passa ao panteísmo de ascensional evolução e ao dinamismo panpsiquista e chega, finalmente, à crença viva em Deus e à visão cristã dos grandes problemas metafísicos. Vejamos os textos:

1 — «*De toda a obra de Junqueiro, a parte mais dramática e viva foi essa longa doença, que apenas os médicos e poucos amigos puderam ver*».

«*Foi aí que, pela primeira vez, porventura, o poeta se viu face a face com o destino, com o problema da sua própria alma, sem a interposição deformadora do público*».

«*E Junqueiro, desfazendo todas as soluções meramente verbalistas com que a vaidade nos ilude o espírito, viveu dolorosamente a grande tragédia da existência*».

«*Ele acabou por acreditar, duma crença viva, sofredora, concreta e trágica, naquela vida eterna e infinita, que tantas vezes servira apenas para o alongamento misterioso, a ressonância abismática, da solenidade do seu verbo*».

«*O Junqueiro, cuja inteligência magnífica pensara os seus poemas, o Junqueiro, cuja sensibilidade fina mas pouco ingénua os realizara, é agora o Homem em face do destino procurando Deus*».

«*Esse Deus já não é a palavra misteriosa das grandes emoções, mas o Ser amante e misericordioso que socorra e ampare*» (...)

Barreira — Editor, Porto, 1942, p. 162; Idem, *O Grupo dos Cinco. Dramas espirituais*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1945, pp. 206, 214-215; Idem, *Guerra Junqueiro e o Padre Sena Freitas*, in *As Grandes Polémicas da Literatura Portuguesa*.

⁴² Idem, *O Grupo dos Cinco*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1945, p. 24.

⁴³ Lopes d'Oliveira, *Guerra Junqueiro — Vida e Obra*, 2.º Vol. Excelsior, Lisboa, 1955.

«*Eis Junqueiro na doença: um drama religioso, a que o nosso respeitoso silêncio devia ter assistido, mas que a nossa fútil curiosidade e os nossos mesquinhos interesses, por vezes perturbaram*»⁴⁴.

2 — «*Junqueiro entra na vida literária sem personalismo religioso e sem profundidade metafísica*»⁴⁵.

3 — «*Junqueiro veio do deísmo para um panteísmo, que, por favor dos humildes, é afinal um símbolo da cristianização*».

«*Subirá consciente e voluntariamente até ao puro teísmo cristão*».

«*A evolução é longa e difícil mas ele a fez aceleradamente nos últimos períodos da doença*».

Tal era a nossa certeza disso que o dissemos na nota que este jornal «O Janeiro», publicou com a notícia da sua morte e antes que soubéssemos das suas últimas disposições. Nessa notícia dizíamos nós da evolução última do seu espírito».

«*E as nossas previsões foram de todo certas. Cremos, no entanto, que só a experiência da doença o poderia determinar*».

«*Junqueiro era demasiadamente intelectualista-naturalista e leitor de assuntos filosóficos e científicos para imaginar, fora duma experiência pessoal, as experiências vitais que façam quebrar, alargando-os e não desfazendo-os, os moldes filosófico-científicos*»...⁴⁶.

4 — «*Mas a doença pô-lo em contacto, de viva experiência pessoal, com o mal e a dor, e então a Natureza apareceu-lhe como radicalmente impotente e estranha, senão hostil, à espiritualidade do homem*».

«*Durante essa doença ele pensou corrigir toda a obra de acordo com a sua crescente intuição e o seu aumentado amor cristão*».

«*A ideia duma corrupção e queda foi-se-lhe impondo, até que no puro cristianismo encontrou o segredo desse mistério, que fora a luz das grandes visões pascalianas*».

«*Eis porque Junqueiro deixou tombar a sua cabeça entre os braços amorosos dum crucifixo*».

«*E o Poeta, que em «Os Simples», falando pelo povo tinha amado uma natureza liberta do pecado pelo amor de Cristo, quiz colocar seu coração em repouso, de encontro à imagem de S. Francisco de Assis: essa alma que parece ter pisado a terra numa fresca manhã do Eden*».

«*Sem discursos para que não fosse motivo de mentiras, sem flo-*

⁴⁴ Leonardo Coimbra, *Guerra Junqueiro*, Edição de «A Renascença Portuguesa», Porto, 1923, pp. 16-17.

⁴⁵ Idem, *Ibidem*, p. 25.

⁴⁶ Idem, *Ibidem*, pp. 41-42.

res para que estas não dobrassem dolorosamente a sua fragrância magoada...»⁴⁷.

5 — «Sem que tivesse sido originariamente um pensador sério, Junqueiro é já, e antes da doença, uma alma de especulativos interesses universais, nesta terra, onde quem os não tem, porque não pode, se julga na obrigação de apedrejar a ansiedade dos que procuram».

«Os grandes problemas metafísicos não os resolveu, antes os escondeu na floresta tropical do seu verbalismo magnificente; mas pensou-os e, acabando por os viver e sentir, refez em meses a profundidade infinita da visão cristã».

«Foi uma vida de dúvida, blasfêmia, sarcasmo, ansiedade social e religiosa e, por último, mãos erguidas, ascende respirando Luz»⁴⁸.

As citações pertencem a artigos diversos e sucessivos e supõem um alargamento de informação e aprofundamento de análise. E são necessariamente longas, para comprovar que Leonardo Coimbra acompanhou a evolução religiosa de Junqueiro como testemunha interessada e respeitosa, mas com capacidade crítica e independência intelectual. Aduz os factos mais salientes que atestam essa evolução, com base na própria convivência, privilégio de poucos, além dos médicos: o desejo manifesto de corrigir a sua obra, de acordo com a nova disposição interior; a sua crescente intuição e o aumentado amor cristão; as últimas disposições do poeta, que morre abraçado a um cruxifixo e tendo diante de si a imagem de S. Francisco.

Tudo isto é confirmado pelos biógrafos, notando-se desde já, que Leonardo admite mesmo os aspectos que depois se tornaram polémicos: a vontade manifesta de enterro religioso e a adesão à Fé cristã.

Para além disso, apresenta uma profunda interpretação da sua obra poética e do seu pensamento filosófico, salientando os impasses intelectuais que tinha de ultrapassar, para se converter ao Cristianismo. E conclui expressamente que a evolução se deu, não por exigência de pensamento, mas por imposição da dor e do afrontamento com o próprio destino, isto é, por virtude da doença e da responsabilidade perante a morte.

Mas há mais. Leonardo nunca fala em catolicismo, a propósito do drama espiritual e religioso de Junqueiro. No entanto, não desconhecia o problema, nem a polémica que se ergueu, antes e depois da sua morte.

⁴⁷ *Idem, Ibidem*, p. 45.

⁴⁸ *Idem, Ibidem*, p. 154.

Desde 1922, era director da revista *A Águia*, órgão da Renascença Portuguesa. Em Agosto de 1923, no mês seguinte à morte de Junqueiro, organizou um número especial, consagrado à sua memória. Para o efeito, pediu testemunhos e apreciações críticas.

Num deles, Malheiro Dias, dirigindo-se-lhe, em carta, previne: «Mas aqueles que, como V. Ex.cia e eu, pudemos assistir ao emocionante drama interior cujos lances patéticos agitaram a consciência do homem de génio, no último período da sua gloriosa vida, estão impossibilitados, pelo respeito devido ao grande morto, de escrever sem meditação (...) Desejaria eu poder descrever a dupla e simultânea preocupação daquele espírito empolgado pelo problema religioso do além e confrangido pelo espectáculo de um povo, cuja alma colectiva se está dissolvendo. Deus e a Pátria foram os temas obsediantes em volta dos quais gravitavam os seus pensamentos inquietos»⁴⁹.

Por sua vez, Paulo Freire (Mário) põe expressamente o problema da atitude final de Junqueiro, em nótula de uma página, sob o título: *Junqueiro morreu católico?*

Trata-se de um excerto, ainda inédito, daquela entrevista que o poeta lhe concedera, a propósito da *questão religiosa*, levantada por Leonardo Coimbra (e que o levou a demitir-se de Ministro da Instrução), a qual tinha sido publicada no *Diário de Notícias*, a 26 de Janeiro de 1923.

Começa por anotar o jornalista que Leonardo Coimbra estava presente.

O poeta ia respondendo às perguntas que lhe eram feitas, depois de consultar largas folhas de papel almaço, escritas de ambos os lados, umas vezes para que aproveitasse as respostas, outras, com a declaração formal de que as não publicasse:

— «Não vale a pena irritá-los, e muito menos colocar em xeque a República».

Em certo momento, Paulo Freire perguntou-lhe:

— «Pode V. Ex.cia dizer-me se o poeta de «Os Simples» é já um católico praticante?».

— Não. Não sou ainda um católico praticante, mas sou já de facto, um espiritualista católico. De todas as religiões a única tocada pelo espírito de Deus é, incontestavelmente, o catolicismo. O catolicismo, fora dos erros e das paixões ruins dos homens, viveu, desde

⁴⁹ Malheiro Dias, (*Carta a Leonardo Coimbra*), in «A Águia», vol. III (XXII) 3.ª Série, n.ºs 13 e 14 (1923) 67.

a primeira hora, abrigado à Cruz sublime de Jesus. As outras religiões têm rastejado na sombra porque lhes faltou o sopro da Divina Graça. Compará-las seria igualar o voo das águias ao voar indeciso dos morcegos...

— «E posso dizer isso aos leitores do *Diário de Notícias*?».

«Não. Não diga. Não há vantagem nisso. Isto está por pouco. Deixe-me morrer primeiro e pode dizê-lo depois...».

Termina o jornalista declarando que respeitou as ordens do Mestre. E acrescenta:

«Agora que se fecharam já, sobre o seu cadáver, as portas dos Jerónimos, para se lhe abrirem as portas da História, aí ficam com a mais honesta fidelidade, as palavras que, sobre catolicismo, Junqueiro me disse, naquela sua varanda envidraçada da Rua de Santa Catarina, ao lado de Leonardo Coimbra, que lhas ouviu também...».

Nem o P.^o Moreira das Neves, que tratou expressa e largamente do problema da conversão do poeta, nem Lopes d'Oliveira, seu biógrafo, nem Noberto Lopes, que retomou o tema recentemente, publicando dele uma carta inédita (supostamente inédita), na qual parecia distanciar-se do catolicismo, nem Joaquim Bastos, mais proximamente⁵⁰, fazem alusão, às declarações registadas por Paulo Freire.

Isto, apesar de todos referirem o passo mais importante da entrevista, publicada no *Diário de Notícias*, da qual estas declarações constituem um excerto e complemento.

Ora, aqui se contém a prova mais explícita da aceitação intelectual e afectiva do Catolicismo, por parte de Junqueiro. E, também, do motivo, talvez o principal, por que essa aceitação não foi completa e formal, isto é, não se concretizou pela reintegração na comunidade católica, através dos sacramentos.

Leonardo Coimbra é invocado como testemunha e aceitou esta qualidade, ao fazer publicar o texto na revista de que era director.

Por que razão se não referiu a estas declarações, nos seus artigos?

⁵⁰ Devo a Mons. Moreira das Neves a informação de que Noberto Lopes terá sido, por alguém, induzido em erro, pois a carta que lhe apresentaram como inédita, já tinha sido publicada no «*Diário de Notícias*» em 1956.

Por outro lado, tendo em vista o contexto polémico em que se insere, não parece que possa servir de base para a negação da abertura ao catolicismo afirmada pelo poeta noutros textos e noutras circunstâncias. Nega simplesmente que se vá além do que essas afirmações contêm.

Cf. Joaquim Bastos, *Guerra Junqueiro, crente ou católico?*, in «O Primeiro de Janeiro», 10 de Fevereiro de 1982.

Por que razão, ao comprovar a evolução religiosa de Junqueiro, nunca fala de Fé católica, apesar de a defender da ironia e dos sarcasmos do poeta? Nem, ao aludir às suas últimas disposições, menciona o desejo que ele manifestou de ter enterro religioso, sabido que naquela época e no contexto português, se entendia enterro católico, como aliás aconteceu?

Possivelmente, porque se sentia vinculado pelas ordens de segredo. Depois, não queria incompatibilizar-se com os seus correigionários do livre-pensamento. E, talvez, para não aumentar o bramir da controvérsia que, já então, alastrava; ou não fosse ele próprio envolvido na mesma suspeita. O que, aliás, não evitou completamente, pois na crítica ao seu volume *Guerra Junqueiro*, o insuspeito Hernani Cidade afirmou que Leonardo, neste livro, não se afasta um ápice da doutrina católica e descobre nele uma vaga intenção apologética (que de forma nenhuma aliás, prejudica a perfeita lealdade de pensamento ou o juízo crítico), bem como uma confirmação da atitude mental e moral, já revelada em «*Jesus*», que constituiu uma autêntica profissão de fé cristã do filósofo-artista⁵¹. E Raul Proença assevera em 1924, que Leonardo, tendo sido, até aí, cristão e místico, já então se convertera ao Catolicismo⁵².

Qualquer que seja a interpretação a dar ao relativo silêncio de Leonardo Coimbra, quanto à abertura ao catolicismo do poeta-amigo, lemos duas contraprovas da confissão ao jornalista Paulo Freire. Referem-nas, aliás, os críticos atrás citados, embora com valorização diversa.

Augusto de Castro, director do mesmo *Diário de Notícias*, recolheu palavras coincidentes, cerca de seis meses depois e quinze dias antes da morte do poeta:

— «*Morro crendo em Deus. No Deus dos católicos? Deus é um só. Se acredito na Suprema Bondade, de que Deus é a expressão, acredito também no supremo mal, no Inferno. Salvação suprema, isto é, Deus. Perdição suprema, isto é, Satã. Se há um mistério que salva, deve existir um mistério que perde. Alma quer dizer imortalidade. Dessa chama de imortalidade que arde em nós, ao regressar a Deus devemos todos dar contas. O dogma da Igreja não traduz senão esta verdade que eu aceito. Se a essência de toda a vida, lâmpada*

⁵¹ H. C., *Guerra Junqueiro, por Leonardo Coimbra*, in «A Águia», 3.^a série, 17-18 (1923) 211; Idem, *Jesus, por Leonardo Coimbra*, in «A Águia», 3.^a série, vol. II, n.º 9-10 (1923) 137.

⁵² Raul Proença, *A Época*, in «Seara Nova», 31 (1924) 144.

que se consome em cada dia que passa, é amor — só no amor reside Deus, só no amor se vive, só no amor se morre. Esta eterna luz do amor, que instintivamente senti toda a minha vida, só agora se me revela na sua labareda sobrenatural e divina. É a morte que nos ensina a viver».

Esta confissão, mais longa e completa, também ficou vinculada ao compromisso de segredo e foi publicada muito mais tarde — em 1941 (o que levantou suspeitas, quanto à autenticidade, a Lopes d'Oliveira).

Augusto de Castro recolheu, da conversa havida, a convicção pessoal de que Junqueiro morrera às portas do Catolicismo. A conversão estava feita, diz ele, e só as polémicas levantadas em torno do assunto e um fim que ele, apesar de tudo, não julgava tão próximo (e, talvez, o desejo de não irritar os seus correligionários ou o medo de prejudicar a República, como vimos na entrevista a Paulo Freire), tivessem impedido a sua exteriorização formal⁵³.

Outra não era a convicção firme de D. Sílvia Cardoso. A pedido do P.^o Moreira das Neves, fez um relato pormenorizado das suas visitas ao poeta de *Os Simples*, durante o ano que precedeu a sua morte. Foi certamente o Dr. Queiroz Ribeiro que falou de D. Sílvia a Guerra Junqueiro, pois bem a conhecia e muito a admirava pela sua obra extraordinária de caridade para com os pobres, os doentes e as crianças abandonadas e também pela promoção de retiros espirituais. Junqueiro quiz conhecê-la e pediu, que ela o visitasse.

Eis alguns excertos desse depoimento:

«A pedido do Dr. Guerra Junqueiro fui levada pelo Dr. Queiroz Ribeiro a visitar o poeta (...) Várias vezes, a seu pedido, o procurei, na sua residência do Porto. (...)

Falou largamente, admirando as belezas do catolicismo, mas gostaria que se lhe desvanecessem certas dúvidas. (...)

Só o alegraria que tanto ela (a esposa) como a filha seguissem o catolicismo que ele tanto admirava. Que aos 20 anos pensava de outra forma. Agora, não. Que tinha certas dúvidas, que gostaria se desvanecessem, sentindo que as orações das crianças e as minhas já lhe tinham feito bem. Entregou-me então 500 escudos para elas e na ocasião do seu falecimento a família entregou-me outros 500, julgo a seu pedido. (...)

⁵³ Augusto de Castro, *Homens e paisagens que eu conheci*, Lisboa, 1941, p. 13. Cf. P.^o Moreira das Neves, *Guerra Junqueiro — O Homem e a Morte*, Domingos Barreira — Editor, Porto, 1942, pp. 169 e ss.

Repentinamente foi levado para Lisboa, mas antes, quando me falava, afirmava-lhe eu que todas as dúvidas lhe passariam, praticando.

Concordou até em receber um sacerdote ilustrado e que já um de Braga o visitara, mas não o satisfizes de todo. Interessaram-no verdadeiramente toda a minha maneira de sentir e a minha fé que admirava. (...)

E a concluir:

«Era encantadora a sua conversa e, tenho a certeza, teria praticado se, como pensava, lhe chegasse a levar lá o sr. Dr. Serra. Não deu tempo, por o levarem para Lisboa, o que muito contrariou o Dr. Queiroz Ribeiro»⁵⁴.

A estima pelas visitas de D. Sílvia e a influência benéfica que ela exercia, constam de algumas cartas de Junqueiro ao amigo e Cireneu que lha apresentara.

Senhora de uma grande intuição na ajuda às almas atormentadas e com o raro dom de as tocar e mover para Deus, conseguira ela, com a simplicidade que a caracterizava, que o poeta aceitasse a oferta de alguns símbolos de piedade cristã, que quiz junto de si, até à morte.

Sabia também D. Sílvia ser discreta. E, por isso, fez acompanhar o seu depoimento de um cartão, até agora inédito, por conter referências pessoais e que Mons. Moreira das Neves gentilmente me facultou. Nele, dá uma explicação mais completa e aduz novos elementos, bem elucidativos:

«Aí vai o que pude lembrar. Mais coisas há, mas que a família não gostará que se saiba. Pediu à filha, à minha vista, para que, quando pudesse, legalizasse a sua situação, pois não era casada; e à mulher, para se confessar.

Enfim, era ele o que mais fé tinha e sei que insistiu, pois não me queria mandar o telegrama, quando se sentiu pior, três dias antes de morrer. Tiraram-no para Lisboa, julga-se influência de alguém, quando viram que ia a caminho. Sei que o médico assistente do Porto era dos piores. Negava o que se passava nas suas conversas comigo. É uma pena não se encontrar as cartas. Julgo ainda aparecerão e mais dados».

Pelo que se vê, era verdadeiro o «cerco religioso», como lhe chama, displicentemente, Lopes d'Oliveira e repete Norberto Lopes. Mas havia um outro, de sinal contrário, mais poderoso e eficaz.

⁵⁴ P.^o Moreira das Neves, *Guerra Junqueiro — O Homem e a Morte*, Domingos Barreira — Editor, Porto, 1942, p. 173, 176; Idem, *O Anjo das Três Loucuras — Sílvia Cardoso*, Editorial A. O., Braga, 1978, pp. 110-112.

Compreende-se, pois, uma certa oscilação nas declarações do poeta, que não era simplesmente idiosincrásica ou humoral, mas também sociológica ou exteriormente induzida.

No entanto, os observadores mais atentos e imparciais afirmam uma clara evolução espiritual, no sentido da fé católica. Aliás, se não fosse assim, teria razão de ser a polémica até hoje mantida?

Entretanto, Junqueiro teve enterro católico, conforme foi seu desejo. Sempre indulgente, a Igreja aceitou como suficientes as provas de contrição do poeta e autorizou todas as cerimónias religiosas.

O P.^o Moreira das Neves, que estudou profusamente a questão, remata o capítulo que dedicou a Junqueiro, em *O Grupo dos Cinco*, deste modo:

«Junqueiro morreu católico?

Há quem diga que sim e há quem diga que não.

Eu não nego, nem afirmo»⁵⁵.

Perante a coincidência destes três testemunhos — de Paulo Freire, Augusto Castro e Sílvia Cardoso; tendo como pano de fundo a descrição interpretativa, por demais insuspeita, de Leonardo Coimbra; sendo todos especialmente preparados para compreender a delicadeza do assunto e a responsabilidade da sua divulgação, eu mudaria a fórmula para estoutora: *afirmo e nego*.

Afirmo a conversão ao catolicismo em pensamento e desejo; nego a conversão plena e formal, incluindo a eficácia dos sinais da graça e do perdão — os sacramentos.

Terá sido bastante para a salvação?

Mistério que só Deus conhece.

Entretanto, é bom augúrio e princípio de esperança que a Igreja tenha aceite as suas provas de contrição e o tenha acolhido no seu seio.

V — A superação do Criacionismo e o percurso final.

Posta em relevo a influência do drama espiritual de Guerra Junqueiro na abertura do filósofo portuense ao Catolicismo, importa salientar os indícios da superação do sistema criacionista, pelo inevitável confronto com a metafísica cristã.

Os anos de 1922, 23 e 24 marcaram a sua evolução acelerada para a aceitação da Fé católica.

A libertação das prisões ideológicas do livre-pensamento é assinalada por dois artigos, em que o rejeita como doutrina. A sua versão materialista ou mecanicista é utilizada por muitos, em Portugal, como arma de guerra contra o espiritualismo dos católicos. Para ele, o livre-pensamento é apenas um método; é, afinal, o pensamento criacionista.

Ambos os artigos foram publicados no jornal *A Tribuna*; um, em 1920 e o outro, em 1922⁵⁶.

Segue-se a clarificação do seu pensamento, no tocante a Deus, a Cristo e à Igreja, nos artigos (alguns publicados em volume): *O Espírito do Cristianismo, Jesus Cristo como Ideal de Beleza* (1922, 1923); *A existência de Deus, O Mistério, Guerra Junqueiro* (1923); *O Problema do Conhecimento* (1924)⁵⁷.

Pela crítica interna destes textos se verifica que Leonardo assimilou, nesta altura, a metafísica cristã e a dogmática católica, embora com pontos nebulosos, aqui e além, pela dificuldade em distinguir, no seu estilo, o que é expressão ontológica, do que é expressão poética.

Passa da concepção de Deus, no sistema criacionista, como unidade dinâmica dos seres, em processo de concretização (em rigor, nunca foi panteísta — Deus é tudo, mas, sim, panenteísta e panti-teísta — tudo está em Deus e Deus está em tudo), para o Deus pessoal, transcendente e absoluto, o Deus de Jesus Cristo, infinito Amor, manifestado aos homens. Aceita o esquema bíblico da História da Salvação: desde a criação e a queda original, à redenção de Cristo, Filho de Deus, até à escatologia, incluindo a ressurreição e a vida eterna. A Igreja é compreendida como meio e instrumento da acção de Cristo, através do espaço e do tempo, e também nas vicissitudes, boas e más, da sua história.

⁵⁶ Leonardo Coimbra, *A Liberdade e o livre pensamento*, in «A Tribuna», Porto, 23 de Maio de 1920. Idem, *Livre-pensamento — é um método e não uma doutrina*, in «A Tribuna», Porto, 19 de Abril de 1922.

⁵⁷ Idem, *O Espírito do Cristianismo*, in «A nossa Revista», Porto, Ano I, n.º 6 e 7, Dezembro, 1921, Janeiro, 1922, 85-92; Idem, *Jesus*, in «O Primeiro de Janeiro», Porto, 1 de Abril de 1923; Idem, *Cristo como Ideal de Beleza*, in «Contemporânea», Lisboa, n.º 8 (1923) 49-53; Idem, *A existência de Deus*, in «A Águia», Porto, vol. II, 3.ª Série, n.º 9 e 10 (1923) 81-89; Idem, *O Mistério*, in «A Águia», Porto, vol. II, 3.ª Série, n.º 7 (1923) 5-14; Idem, *Guerra Junqueiro*, Edição de A «Renascença Portuguesa», Porto, 1923 (recolhe dois artigos publicados na revista «A Águia», n.ºs 11-12 e n.º 13-14, 1923; a entrevista ao «Porto Académico», n.º 18, 1923; dois artigos publicados em «O Primeiro de Janeiro», Porto, 8 de Julho de 1923 e 9 de Julho de 1923); Idem, *O Problema do Conhecimento*, in «A Águia», Porto, Vol. II, 3.ª Série, n.ºs 21 e 22 (1924) 76-90.

⁵⁵ Idem, *O Grupo dos Cinco*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1945, p. 228.

Tudo isto se vê mais claramente e conjuntamente nos artigos sobre *Guerra Junqueiro* e sobre *O Problema do Conhecimento*. A ponto de, como salientamos atrás, Hernani Cidade ter considerado que, nos primeiros, Leonardo se não afastou um ápice da doutrina católica e avaliou o pensamento do poeta segundo um critério que postula a verdade da filosofia cristã. E, por sua vez, Raul Proença, já em 1924, o julgava, convertido ao Catolicismo.

Não é outro o parecer do P.^o António Magalhães, firmado na análise interna dos seus escritos e também em contactos pessoais:

«Tenho seguros motivos para afirmar que já em 1924, Leonardo Coimbra era católico de pensamento»⁵⁸.

«Nos princípios de 1923, ainda Leonardo não tinha encontrado a reconciliação (entre criacionismo e catolicismo) — Cf. art. Mistério, A Águia, número de Janeiro.

«Quando em meados de 1923, escreve sobre Junqueiro, já o seu conhecimento do catolicismo é mais fundo e já o expõe com admirável clareza, mas ainda se verifica que não há plena integração, não há paz filosófica entre o Criacionismo e a metafísica católica.

Onde ela aparece quase em plena luz, é na conferência, O Problema do Conhecimento, publicada em A Águia, em 1924»⁵⁹.

E continua, atribuindo esta reconciliação à leitura, que lhe sugeriu, no fim do ano lectivo de 1923, do livro *Saint Thomas d'Aquin*, de Sertillanges, e dos *Cahiers* de Maréchal, que já conhecia. Foi, pois, na síntese tomista, modernamente renovada, que se deu o encontro e a reconciliação do pensamento de Leonardo Coimbra com a filosofia cristã.

Deste modo, tinha o caminho aberto, do ponto de vista intelectual, para adesão viva e amorosa à Fé católica.

A comprovar o aprofundamento desta visão, aparecem essencialmente *S. Francisco de Assis (Visão franciscana da Vida)* (1927) e *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre* (1935).

Faltava, porém, a confissão pública e a reintegração na comunidade católica, com aceitação plena da sua vivência, disciplina e acção em favor do mundo.

A progressão nesse sentido, ainda apenas como disposição inte-

rior, começa a desenhar-se em 1923, se atendermos às próprias palavras de Leonardo.

Em entrevista concedida a João Paulo Freire (Mário), para o *Diário de Notícias*, sobre a questão da liberdade do ensino religioso nas escolas particulares, dizia, em Janeiro de 1923:

«Sabe não tenho nenhuma religião confessional. Adoro Deus como posso, na meditação e no amor dos outros. Mas sempre lhe direi que as mais altas horas da minha vida, são aquelas em que o meu filho, sobre os Evangelhos, me fala do eterno mistério das almas!...»⁶⁰.

E, mais adiante, a expressão do seu amor cristão:

«Digo-lhe na minha absoluta sinceridade: amo humildemente o bom povo português. Amo fraterna e humildemente os que me insultaram, e começo a sentir vergonha de ter respondido às suas violências com o desprezo. É só com amor que se lhes deve responder»⁶¹.

O P.^o António de Magalhães refere alguns factos, por ele observados, que confirmam como Leonardo Coimbra já punha expressamente o problema da conversão católica, no período que vai de fins de 1922 a Outubro de 1924.

Perguntou-lhe, um dia, se não desejava conhecer o ilustre jesuíta P.^o Ferreira Fontes. Vontade não lhe faltava, disse; e acrescentou: «Agora é difícil. Tenho sempre alguém a espiar-me os passos. Ora repare». Estavam na rua Passos Manuel e o interlocutor, ainda estudante do liceu, deparou com certos vultos suspeitos que pareciam segui-los.

Outra vez, ainda na mesma rua, mas no ano seguinte, junto do edifício da Associação Católica, desfechou-lhe esta pergunta: — «Que se faz aqui?» E acrescenta quase imediatamente: — «Tenho de me converter, quanto antes, e viremos para aqui trabalhar»⁶².

Em meados do ano seguinte, Junho ou Julho de 1924, deu-se outro episódio não menos significativo.

Veio ao Porto o P.^o Manuel de Sousa Pacheco, professor de Filosofia na Universidade Gregoriana de Roma. E combinou-se um encontro do ilustrado jesuíta com Leonardo. Na «Renascença Portuguesa» conversaram durante vinte minutos.

Tendo ido com apreensão, por receio do confronto com o filó-

⁶⁰ João Paulo Freire (Mário), *A Questão Leonardo Coimbra*, Livraria Civilização, Porto, 1927, p. 23.

⁶¹ *Idem*, *Ibidem*, p. 24.

⁶² António de Magalhães, *Um grande Convertido Português — Leonardo Coimbra*, in «Magnificat», Porto, n.º 7-8 (1951) 18.

⁵⁸ António de Magalhães, S.J., *Do Criacionismo à Fé*, in *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1950, p. 214.

⁵⁹ *Idem*, *Ibidem*, p. 212. Cf. *Idem*, *A Perenidade do Pensamento filosófico de Leonardo Coimbra*, Faculdade de Filosofia, Braga, 1956, p. 20.

sofo portuense, saiu descontraído. Vinham os dois a conversar, com a maior naturalidade. Que se passou? Diz o P.^o Pacheco:

— «*Nunca esperei uma coisa destas. Nada discutimos de filosofia. O Dr. Leonardo, mal nos sentámos, afirmou imediatamente: — Hoje, eu já não tenho dúvidas de fé. O que eu tenho é de regularizar a minha vida, confessar-me e casar religiosamente.*»

E acrescenta A. de Magalhães: «*Creio que, se não fosse a prudência do P.^o Manuel Pacheco, Leonardo ter-se-ia confessado nessa altura. Impressionado, recolhi o testemunho. Não o publicaria se, com o «In Memoriam», não continuasse ainda a pairar uma sombra de dúvida sobre a conversão de Leonardo Coimbra»*⁶³.

Por que razão diferiu o filósofo portuense, tantos anos, a adesão formal à Igreja?

Compreendê-lo-emos através de mais dois episódios e de algumas informações.

É ainda o P.^o António de Magalhães a contar que, na mesma ocasião, se passou o seguinte:

Depois da rápida apresentação na «Renascença Portuguesa», onde Leonardo já se encontrava, acompanhado do Dr. Abel Pacheco, desapareceram os dois, ele e o jesuíta, no interior da livraria. Daí a minutos, entrou um conhecido professor de um dos liceus do Porto e perguntou: — «*Não está aqui o Sr. Dr. Leonardo Coimbra?*» — «*Está aí para dentro*», responderam-lhe as empregadas. O professor avançou; mas, de volta, momentos depois, bateu com a porta violentamente, murmurando entre dentes, indignado: — «*Lá está ele com um padre*»⁶⁴.

Leonardo continuou nos anos seguintes o aprofundamento da revelação cristã, através da leitura e do contacto discreto com teólogos e mestres de espiritualidade.

Há um facto pouco conhecido que é a sua participação nas conferências de um retiro para intelectuais, em 1927, organizado por D. Sílvia Cardoso, na Casa da Gandra, em Baltar. Aí estiveram também Antero de Figueiredo, Manuel Portocarrero e outros.

Este último, passados tempos, encontrou-o na baixa portuense. Leonardo confidenciou-lhe:

⁶³ *Idem, Ibidem*, pp 19, 20.

O «In Memoriam» referido no texto vem a ser o volume em que foram recolhidos os testemunhos de discípulos e contemporâneos: *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1950, 428 pp.

⁶⁴ *Idem, Ibidem*, p. 19.

— «*Sabe, voltei a Gandra; uma felicidade para mim; já lhe posso dar a nova de me considerar um crente; mas a luta continua e, agora, o principal obstáculo a vencer é o respeito humano; sabe, tinha muitos compromissos e ligações...*»⁶⁵.

O P.^o António de Magalhães escreveu, noutro lugar, que Leonardo Coimbra estivera ligado à Maçonaria⁶⁶.

Aliás, é o que se depreende das suas próprias palavras a J. Paulo Freire, na entrevista sobre a célebre «questão religiosa», por ele levantada em 1923, quando Ministro da Instrução, e cujo desfecho tanto o desiludiu da política partidária:

«*De modo que o postulado dos nossos bons protestantes é inteiramente erróneo. Apêlam para o dr. Magalhães Lima e eu, aparte a enorme consideração moral que tenho por sua ex.^a, pergunto quais os trabalhos científicos ou filosóficos do dr. Magalhães Lima, que o autorizem no assunto?*»⁶⁷.

A referência ao Dr. Magalhães Lima é elucidativa. Sabe-se que, por não arripiar caminho, embora lhe acenassem com prémios, aí começou o seu calvário de desconfianças e perseguições políticas, que culminaram na acusação de traidor, quando se aproximou da meta final. Mas, também, aí começou a sua ascensão para a Luz.

Informa ainda o P.^o Moreira das Neves que, em 1934, quando foi a Lisboa proferir a conferência *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*, o feroso orador disse ao Padre Miguel de Oliveira que muito devia à leitura das *Novidades*. A assinatura era-lhe paga por anónimo que ele nunca chegara a conhecer⁶⁸.

As profissões públicas da Fé católica são feitas por Leonardo, cerca de dois anos antes da conversão formal.

Apontam-se duas, tidas como insofismáveis: o discurso pronunciado no final do banquete de homenagem ao Dr. Abel Pacheco,

⁶⁵ M. Portocarrero, *Leonardo Coimbra. Sua Conversão e os Retiros espirituais*, in «A Ordem», Porto, 10 de Outubro de 1970.

⁶⁶ António de Magalhães, S. J., *A propósito do XX aniversário da morte de Leonardo Coimbra*, in *Leonardo Coimbra. Acto de encontro*, Editorial Resistência, Lisboa, 1976, p. 20.

⁶⁷ João Paulo Freire (Mário), *A Questão Leonardo Coimbra*, Livraria Civilização, 1927, Porto, p. 22.

⁶⁸ P.^o Moreira das Neves, *Perfil de um Leigo. Leonardo Coimbra*, in «Laikos», ano VI, n.º 3(1983) 343.

em 7 de Abril de 1934⁶⁹, e a crítica ao livro *S. Paulo*, de Teixeira de Pascoais, publicada na revista *Museu*, em Setembro de 1934⁷⁰. Podem acrescentar-se: a conferência sobre a *Apologética de Pascal*, pronunciada na Associação dos Estudantes católicos do Porto, em 23 de Março de 1935 e a conferência proferida no Círculo Católico de Operários do Porto, em 21 de Maio de 1935, no aniversário das encíclicas *Rerum Novarum* e *Quadragesimo Anno*⁷¹.

Em artigo de Dezembro de 1983, no jornal «O Primeiro de Janeiro», Sant'Anna Dionísio revela mais um facto significativo.

Oito dias antes do seu aniversário, e, portanto, nas vésperas da conversão total, Leonardo Coimbra foi homenageado no salão maior do hotel mais luxuoso da cidade do Porto.

Perante uma centena de admiradores, aí pronunciou um discurso impressionante, em que francamente expôs as razões fundas e transcendentes da sua posição espiritual, e da decisão de se afastar definitivamente «do que então se designava, com bastante ingenuidade, a disciplina laica e inquebrantável do «livre-pensamento».

E acrescenta o ilustre discípulo do filósofo portuense:

«Nunca no nosso país, se teria assistido a um acto de meditada e veemente opção religiosa, como nesse solene encontro decisivo do filósofo, com os seus deslumbrados e trespassados ouvintes»⁷².

O acto sacramental que o tribuno realizou, dias depois, marcando a sua reintegração plena na Igreja Católica, foi, portanto, publicamente justificado, totalmente sereno, íntimo e discreto, como convinha.

Ía começar «um novo modo de ser e de viver». No dia do seu aniversário, 30 de Dezembro, foi levar esta boa nova aos seus familiares em Felgueiras, sua terra natal. Mas a viagem de regresso não foi para a morada terrena. Foi o início da transposição para a Pátria Celeste.

⁶⁹ S. D., *Bibliografia. Obras, Escritos dispersos, Discursos e Conferências*, in *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1950, p. 377.

⁷⁰ *Idem*, *Ibidem*, p. 338.

⁷¹ *Idem*, *Ibidem*, pp. 380, 381.

⁷² Sant'Anna Dionísio, *Evocação frígida da fatídica noite de Baltar*, in «O Primeiro de Janeiro», 26 de Dezembro de 1983.

VI — Conclusão

De quanto fica exposto, pode concluir-se, sem afoiteza, que a conversão católica de Leonardo Coimbra não foi um acto avulso, uma paixão ou um temor de circunstância, mas, antes, uma decisão plenamente livre e publicamente justificada, depois de longa maturação intelectual e existencial. Precisamente, à medida do seu temperamento instável, das fugas e variações de humor, da constante exigência de tudo experimentar, que muitos lhe conheceram e tornaram a sua personalidade algo enigmática, impenetrável, senão mesmo contraditória.

Não é, pois, de aceitar a tese que Sant'Anna Dionísio vem expondo desde 1936, segundo a qual essa conversão se reduziria a um simples «recolher ao leito goethiano», sob o impulso de motivos transitórios e circunstanciais — a ameaça de morte do segundo filho. Desaparecidos os motivos de ocasião, Leonardo regressaria à livre aventura do pensamento livre.

O fiel e devotado discípulo do filósofo portuense não põe em dúvida a sinceridade da conversão, mas somente a sua estabilidade, ou seja, o seu carácter definitivo.

E repete-o em 1950, em notável contribuição para o grandioso «In Memoriam» — *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos*⁷³, tirando partido do inédito então publicado *O Homem às Mãos com o Destino*.

Apesar da resposta e esclarecimento que lhe deu, logo em 1936, o próprio filho do tribuno, Leonardo Augusto, (o qual, certamente, melhor que ninguém conhecia seu pai na intimidade e no seu estado de espírito final), e mais tarde, o P.^o António de Magalhães, nos estudos atrás referidos, Sant'Anna Dionísio repõe invariavelmente a mesma interpretação e os mesmo argumentos, por ocasião do centenário do tribuno. Primeiro na *Introdução às Obras de Leonardo Coimbra*, reeditadas no ano transacto⁷⁴, e, recentemente, em sete artigos, da longa série que veio publicando em «O Primeiro de

⁷³ *Idem*, *Sentido Humano e Transcendente da Eloquência em Leonardo Coimbra*, in *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1950, pp. 273-274.

⁷⁴ *Idem*, *Introdução*, in *Obras de Leonardo Coimbra*, Lello e Irmão — Editores, Porto, 1983, pp. VI-VII.

Janeiro»⁷⁵. Estes são a quase repetição textual do que escreveu imediatamente após a morte do pensador, e posteriormente, apenas com mudança de título e de sequência.

Se tivermos em conta que essa obra de 1936 também foi reeditada no ano passado e, por outro lado, nas «*Obras de Leonardo Coimbra*», foi omitido, incompreensivelmente o volume «*Guerra Junqueiro*» (no qual, como salienta o Prof. Alexandre F. Morujão, «*se encontrará grande número de posições bem expressas, ilustrativas da evolução espiritual do filósofo, muito especialmente da sua crescente aproximação ao catolicismo, e que ajuda a desfazer a hipótese, sustentada por alguns, da sua conversão ser apenas fruto de circunstâncias ocasionais: a angústia de perder o segundo filho*»)⁷⁶, se tivermos em conta que tudo isto foi feito sob a responsabilidade ou orientação do Dr. Sant'Anna Dionísio, havemos de reconhecer, apesar da admiração que nos merece, que, na mente do ilustre discípulo de Leonardo, persistem tenazmente alguns resquícios do preconceito laicista. Muito embora tenha dado provas de honestidade intelectual, rendendo-se aos factos, ainda que lhe tenham aparecido como murros, e referenciado, inclusive, episódios que são contrários à sua tese.

Não vamos atentar aqui nos argumentos que apresenta, nem refutá-los. Até porque se trata de questão meramente especulativa: uma hipótese ou futurível que poderia verificar-se, se a morte não colhesse o pensador, oito dias depois da conversão. Quem pode prever, de ciência certa, o futuro livre de um homem livre?

De resto, à face da Teologia católica, não há conversões que sejam definitivas. A fé, como a perseverança na fé, são primariamente um dom de Deus e não uma conquista do homem. Implicam um processo dialógico e evolutivo, de chamamento divino e de resposta humana. Ao mistério da Graça, corresponde o mistério da liberdade. Por isso é que todo o convertido, mesmo aquele que conservou a fé desde a infância, teme a sua fraqueza. Sabe que o dom de Deus é acolhido em vaso quebradiço. Perante as provas, dúvidas, e interrogações, a que inevitavelmente está sujeito, pode soçobrar. E então

recorre à vivência em comunhão ou em comunidade de fé e afere esta fé constantemente pelo padrão de verdade e autenticidade que lhe fornecem aqueles que têm missão, na Igreja ou na comunidade, de a guardar, defender e purificar.

É certo que há temperamentos mais ou menos instáveis, espíritos mais inquietos e interrogativos. Mas também é certo que a cada um é dada a graça correspondente e proporcionada, conforme as suas necessidades.

Além disso, a fé não constitui um horizonte de enclausuramento, mas de abertura e confiança. O Mistério cristão não limita o dinamismo e o poder interrogativo da inteligência. Apenas o orienta, marcando balizas, evitando passos perdidos, divagações que não levam a nada, investidas e retrocessos.

Compreende-se, assim, que a história de uma conversão não seja totalmente redutível a categorias humanas. É uma história singular, irrepetível, pelo entrelaço misterioso da Graça divina e da liberdade humana. Perante ela, perante o seu facto indesmentível, só há uma atitude coerente: respeito e silêncio, porque o terreno que pisamos é sagrado.

ÂNGELO ALVES
Professor do I. C. H. T.

⁷⁵ Idem, *O enigma Supremo de Sempre*, in «O Primeiro de Janeiro», 9 de Abril de 1984; *Teologia Heterodoxa*, ibidem, 16 de Abril de 1984; *Génese de uma Conversão*, ibidem, 23 de Abril de 1984; *Solene Imperativo de Abraão*, ibidem, 30 de Abril de 1984; *Horas de Silêncio*, ibidem, 7 de Maio de 1984; *Análise melindrosa e difícil*, ibidem, 14 de Maio de 1984; *Indefinidas incertezas do ser humano*, ibidem, 21 de Maio de 1984.

⁷⁶ Alexandre F. Morujão, *Notas*, in «Revista Portuguesa de Filosofia», Braga, XXXIX (1983) 480.